

Reflexões sobre a Psicanálise a Partir da Epistemologia de Paul Karl Feyerabend

DÉBORA FERREIRA BOSSA / GUILHERME HENRIQUE RODRIGUES /
HERNANI CHEVREUX / LUANA XAVIER PIZARRO / TAYNÁ CELEN PEREIRA SANTOS

Feyerabend: resumo do argumento epistemológico

Paul Karl Feyerabend (Viena – Áustria, 13 de janeiro de 1924 – Genolier – Suíça, 11 de fevereiro de 1994) foi filósofo, historiador da ciência e um dos principais críticos do Positivismo Lógico. Tornou-se notável pela sua visão anarquista da ciência, que se caracteriza pela rejeição da existência de regras metodológicas universais. Foi professor de Filosofia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e de Filosofia da Ciência no Federal Institute of Technology, em Zurique. Seus principais trabalhos são os livros *Contra o Método* (1975), *Ciência em Sociedade Livre* (1978) e *Adeus à Razão* (1987). Despertou reações ambivalentes no meio científico, sendo duramente criticado por alguns, que o alcunharam como “o mais perigoso inimigo da ciência” (Leal, 2016) e respeitado por outros, sendo homenageado com seu nome em um asteroide.

A tese central defendida por Feyerabend é a de que “os eventos, os procedimentos e os resultados que constituem as ciências não têm uma estrutura comum” (Feyerabend, 1975/2011, p. 20). Como isso, ele propõe a não existência de padrões gerais que sustentem as pesquisas científicas e sim, a existência de uma pluralidade de métodos científicos, que são atravessados por circunstâncias políticas e sociais, incidentes e até mesmo idiossincrasias pessoais (Feyerabend, 1975/2011).

Seu entendimento é o da ciência como narrativa, ou seja, como uma ideologia que busca explicar a realidade, não detendo, portanto, a verdade sobre ela. Argumenta que ao ocupar o lugar de ideologia dominante, a ciência impôs sua visão de mundo como sendo a única verdade possível. Com isso, a ciência se tornou tão opressora quanto as ideologias dominantes que ela

combateu antes do Iluminismo. Sua tese central intervém nesse ponto, pois, ao afirmar a pluralidade da ciência e ao entendê-la como mais uma ideologia possível, busca tornar a ciência menos autoritária (Feyerabend, 2009).

A crítica de Feyerabend se direciona mais precisamente ao Positivismo Lógico. Suas principais formulações teóricas, apresentadas no *Contra o Método*, são as ideais de “Anarquismo Epistemológico”, “Contraindução”, “Inmensurabilidade” e “Interacionismo” (Leal, 2016).

Feyerabend defende que a imposição de um método universal a ser adotado pela ciência não contribui para o seu progresso e, ironicamente, utilizando-se de uma analogia para tecer sua crítica, defende que o único método universal que contribui para o avanço da ciência é o “tudo vale”. Para ele, somente a adoção de um método que promova a pluralidade metodológica possibilitará uma proliferação de teorias e o progresso da ciência (Couto, 1999).

Para Feyerabend, as regras ditas universais não se mostram adequadas à diversidade de situações de pesquisa. Essa falha produz a ausência de uma orientação segura para os pesquisadores, que acabam por deturpar as regras, propiciando assim um “anarquismo” que se coloca como inevitável para a continuidade da pesquisa (Leal, 2016). Com isso, chama a atenção para a necessidade de reconhecermos essa falha e aponta para uma solução, que é a eleição do Anarquismo Epistemológico. A partir daí, a eleição do método científico se daria a partir de sua adaptação à situação de pesquisa (Couto, 1999), ao objeto que se pretende investigar, e o pesquisador não teria mais de violar as regras para sustentar o semblante de ciência nos moldes da metodologia universal. Dessa forma, o Anarquismo Epistemológico contribui para o progresso da ciência, pois diferentemente de uma metodologia rígida, não impõe a exclusão da intuição e de projetos de pesquisa que não estejam de acordo com pressupostos ditos universais (Couto, 1999; Marques, 2013).

O Anarquismo Epistemológico se coloca assim como a única regra que deve ser universalmente aceita. Com sua proposta anarquista, Feyerabend busca garantir a pluralidade de regras possíveis e não a ausência total de regras e padrões que possam guiar as pesquisas científicas. Ele defende a importância das regras para o alcance de resultados e, ao mesmo tempo, sua não universalidade, ou seja, a importância de encontrar regras que se adaptem a cada contexto e objeto de pesquisa (Leal, 2016).

Nesses moldes, a metodologia científica deve ser um conjunto aberto de procedimentos que garantam objetividade às conclusões do estudo e não ao simples objetivo de sustentar um padrão rígido, dogmático e excludente. Por ser uma narrativa, nenhuma teoria é capaz de apreender totalmente a realidade, devendo, assim, serem compreendidas como caminhos possíveis. Desse modo, a metodologia deve ser tomada como uma indicação de conduta por parte do pesquisador, e não como um tribunal que julga seus atos a partir de uma suposta verdade universal (Couto, 1999; Marques, 2013).

A *Contraindução*, por sua vez, é o desdobramento do Anarquismo Epistemológico e consiste em uma postura de oposição aos dados dos sentidos e

aos padrões e teorias tidas como verdades, ou seja, aos padrões universais (Couto, 1999; Marques, 2013). Essa postura possibilita a exploração de novas alternativas teóricas, uma vez que o pesquisador consegue se descolar das regras e teorias tidas como verdadeiras. Assim, ela reconhece a impossibilidade de que uma teoria alcance uma total compreensão da realidade e, desse modo, não se prenda a regra tola de que as novas teorias deverão alcançar validação, a partir de sua submissão às velhas teorias. A *Contraindução* rompe então com a razão, entendida como esse conjunto de métodos universais que impõem ao que é ciência. Nesse sentido, defende que é a irracionalidade da *Contraindução* que garante o progresso da ciência, uma vez que é a suspensão das regras universais (razão) que permite o avanço científico, a partir da exploração de novas ideias e métodos. É essa suposta irracionalidade que o teórico nomeia como *Contraindução*, estabelecendo como suas contrarregras a introdução de hipóteses que não se adaptem a teorias aceitas e válidas e a introdução de hipóteses que não se ajustem aos fatos considerados bem estabelecidos (Leal, 2016).

Prosseguindo em sua crítica ao Positivismo Lógico, Feyerabend apresenta a ideia de Incomensurabilidade, com a qual argumenta que, partindo dos efeitos do Anarquismo Epistemológico, é perfeitamente possível a existência de teorias incomensuráveis entre si, ou seja, que não convergem. Isso ocorre, segundo Feyerabend, pelo fato de o sentido ser sempre contextual. Desse modo, conceitos aplicados em diferentes contextos teóricos adquirem sentidos diferentes (Leal, 2016), o que impossibilita o diálogo entre diversas teorias. Entretanto, esse efeito nem sempre ocorre, uma vez que nem todas as teorias são incomensuráveis (Pinto, 2007).

Partindo do Anarquismo Epistemológico e da *Contraindução*, a Incomensurabilidade possibilita então a introdução de novas concepções, ideais e teorias, uma vez que não existe uma única forma possível de enxergar o mundo. Em outras palavras, como não existe uma teoria verdadeira que abranja a totalidade da realidade, os fatos passam a ter uma pluralidade de possibilidades de significação que serão decorrentes da escolha metodológica a ser aplicada na pesquisa, o que será possibilitado pela adoção do Anarquismo Epistemológico (Pinto, 2007).

Somente na terceira edição de *Contra o Método*, Feyerabend introduz a noção de Interacionismo, como sendo uma nova visão possível da relação entre razão e prática. Ele vai além do idealismo, do naturalismo e do anarquismo ingênuo, ao propor uma interação interdependente entre razão e prática, aqui entendida como pesquisa (Leal, 2016). Com o Interacionismo propõe que, como a razão não é fixa nem universal, sua autoridade deriva do contexto específico onde ela se aplica. Essa aplicação se dá através da prática (pesquisa), que não é totalmente regulada pela razão, dada a incidência da *Contraindução*. A razão, por sua vez, não se move exclusivamente dentro das balizas da prática. Trata-se de uma interação necessária, uma vez que é através da prática que a razão pode fazer compreender e efetivar seus princípios

e, é através da razão que a prática pode alcançar a organização de seus conteúdos. Dessa forma, para Feyerabend, a construção de novas teorias se dá através de um processo dialético, que ocorre entre razão e prática (Leal, 2007).

Perspectiva epistemológica da psicanálise

A cientificidade da psicanálise e sua inserção no campo das ciências naturais foram preocupações constantes de Freud, que em suas obras buscou responder às críticas dos intelectuais de sua época, em especial, à impossibilidade de responder aos critérios da ciência moderna. Diante disso, tendo como objeto de estudo o inconsciente, Freud buscou descrever, criteriosamente, a fundamentação teórica da investigação psicanalítica, a qual é capaz de aceder hipóteses sobre o funcionamento do inconsciente, sua relação com a vida cotidiana e afecções mentais (Celes; Bucher, 1984).

A psicanálise, para os intelectuais da época de Freud, foi inserida no campo da estética, devido a suas enunciações que não se submetiam aos fundamentos na concepção da ciência moderna. Tal consideração foi apresentada devido a duas formulações básicas, conforme Birman (1994), a primeira por se sustentar a partir da analítica do sujeito, centrada na palavra e na escuta, cujas operações são possíveis a partir da interpretação e hipóteses metapsicológicas sobre o psiquismo; e a segunda, porque seus enunciados teóricos e sua leitura qualitativa dos fenômenos mentais não poderiam ser inseridos no discurso científico, que se estrutura pela experimentação e verificação devidamente controladas. Com isso, Freud buscou responder às críticas sobre a cientificidade da psicanálise baseando-se nos pressupostos do fisicalismo e da termodinâmica, o que mostrou o esforço de Freud para a inserção da psicanálise no campo das ciências da natureza (Birman, 1994).

Os textos metapsicológicos, elaborados entre 1914 e 1917, período da eclosão da Primeira Guerra Mundial, esboçaram as bases teóricas da psicanálise em seus sentidos dinâmico, tópico e econômico, e tiveram como objetivo construir as bases científicas de construção e aplicação da psicanálise (Birman, 2003). Os textos metapsicológicos não só esboçam a epistemologia da psicanálise, como também fundamentam suas bases filosóficas (Assoun, 1978). Assim, podemos compreender, conforme indicou Birman (2003), que a metapsicologia comporta o saber da psicanálise, que ultrapassa a psicologia, ou seja, abre o caminho para o entendimento do funcionamento inconsciente, cuja aproximação entre metapsicologia e metafísica se estabelece a partir do uso da interpretação como método para a apreensão do objeto.

O texto *Pulsões e destinos da pulsão* (Freud, 1915/2013) foi considerado inaugural da construção metapsicológica, e se caracterizou como tentativa de Freud de inserir a psicanálise no campo das ciências da natureza. Nas primeiras linhas desse estudo, Freud nos apresentou a seguinte constatação: “Ou vimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas

em conceitos básicos claros e bem definidos”. O texto, portanto, faz parte dos ensaios metapsicológicos, no qual Freud apresentou a cientificidade da psicanálise, evidenciando o caráter relativo e fundamentalista de sua concepção empírica. Freud (1915/2013) indicou que os conceitos produzidos no campo da ciência são passíveis de reformulação à medida que o campo avança em suas observações, modificando-se à medida que os conceitos básicos se tornam úteis e coerentes com a área e o fenômeno em estudo. Dessa forma, constatou que o avanço do conhecimento não se sustenta a partir de qualquer rigidez em suas definições. Assim, a psicanálise pôde ser apresentada como uma *naturwissenschaft*, uma forma de ciências da natureza. Freud (1915/2013) apontou a relação entre os conceitos fundamentais e a experiência à medida que a aplicação clínica da psicanálise mostra a funcionalidade de seus conteúdos, constituindo a *grundbegriffe*, ou seja, os conceitos fundamentais da psicanálise.

De acordo com Assoun (1978), a psicanálise foi embasada por sua própria epistemologia, sendo a partir dos conceitos fundamentais (*Grundbegriffe*) que toda ciência natural é levada a investigar os fatos. A articulação entre a dimensão especulativa, ou racional, e a dimensão empírica, ou factual, produz a construção científica. A metapsicologia, portanto, insere-se no cruzamento do desejo especulativo e da prática científica (Assoun, 1978). A exposição de Freud em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2013) indicou que os conceitos psicanalíticos são provisórios, e as hipóteses que se modificam a partir do progresso dos achados do método psicanalítico de investigação (Birman, 1994).

Na obra *Algumas lições elementares de psicanálise*, Freud (1940/2006) revelou que uma dificuldade da psicanálise enquanto ciência estava relacionada ao envolvimento de certo número de hipóteses que, dificilmente, podem ser compreendidas como postulados ou resultantes das pesquisas, uma vez que estão sujeitas à resistência e à recusa pelas modalidades comuns do pensamento, contradizendo as opiniões correntes do campo científico e popular. Nesse artigo, Freud (1940/2006) afirmou que a psicanálise constitui uma ciência mental da psicologia, configurando-se como uma psicologia profunda ao se interessar pela investigação do inconsciente. Esse conceito, o inconsciente, conforme Freud (1940/2006), esteve por muito tempo próximo da psicologia, sendo, anteriormente, recorrente na filosofia e na literatura, mas a ciência ainda não pôde achar uso para a produção do conhecimento. A psicanálise, portanto, resgatou o inconsciente, fornecendo-lhe novo conteúdo e, a partir de suas pesquisas, conseguiu compor arsenal teórico sobre suas características e leis de funcionamento. Dessa maneira, o trabalho científico da psicanálise para a psicologia consiste em traduzir os processos inconscientes, produzindo efeitos sobre as lacunas da percepção consciente.

Ao reconhecer a incidência dos conteúdos inconscientes, a psicanálise promoveu um duplo deslocamento na epistemologia da psicologia clássica. O primeiro deles se refere ao deslocamento da pesquisa centrada na consciência, e o segundo que considera a linguagem em estado prático, inscrita

no circuito de trocas com o outro (Birman, 1994). Assim, é possível identificar que a empiria psicanalítica difere da metafísica, cujo saber se produz a partir da totalidade axiomática da experiência, enquanto o saber da psicanálise se fundamenta pela experiência transferencial, pretendendo realizar a escuta interpretante e interventiva ao viabilizar os destinos das intensidades pulsionais no psiquismo. Desse modo, a experiência psicanalítica é a base de sua pesquisa, fornecendo os eixos fundamentais para seu registro teórico (Birman, 1994).

Conforme Aguiar (2006), a psicanálise como ciência não se caracteriza como uma matéria, mas como uma técnica com a qual o psicanalista trabalha. É um método interpretativo pautado na prática de decifrar, traduzir e interpretar o inconsciente a partir da associação livre do analisante, possível pela transferência e mediante atenção flutuante como consequência da exigência da técnica da neutralidade (Aguiar, 2006).

Assim, vemos que Freud não desvencilhou a investigação científica da tarefa terapêutica. A simultaneidade dessas atividades constitui importante forma de trabalho, já que a experiência clínica fundamentou as descobertas que foram integradas à teoria sobre o psiquismo, seu funcionamento e transtornos (Mezan, 2006). Diante disso, Elia (2000) relembra que o saber inconsciente não é apreensível pela aplicação do saber acumulado, mas se coloca como o inédito a ser compreendido a partir de uma estrutura que não se restringe ao saber universal da ciência clássica, e inclui o saber inapreensível pelo universal.

A psicanálise, portanto, é o método que retoma o elemento que a ciência moderna deixou de fora: o sujeito. Com isso, vemos que a psicanálise derivou da ciência moderna, mas não se reduziu a ela, e por isso compreende um saber que está além do científico. Ela opera como um corte inaugural da ciência, que oferece um rompimento discursivo em que a noção de sujeito é fundamental. Segundo Lacan (1965/1998), a psicanálise se constitui como um saber derivado da ciência, porém não está integrada ao campo científico, uma vez que resulta da operação de subversão a partir do viés do sujeito. O sujeito que a concepção lacaniana apresenta à ciência é o sujeito do inconsciente, e por esse motivo não é possível se servir do real para construir um campo operatório do saber. O método de pesquisa da psicanálise supõe o saber sobre o sujeito, e o inclui no campo da experimentação como sujeito do inconsciente (Elia, 2000).

Nesse sentido, a psicanálise se opõe à ciência tradicional na medida em que implica o sujeito, ausente na ciência, cujo discurso construído em terceira pessoa garante objetividade e exclui o sujeito. A psicanálise encontra no sujeito seu campo e o objeto de estudo, o sujeito do inconsciente, sendo nesse mesmo objeto que a psicanálise encontra seu limite, uma vez que diz respeito ao sujeito que se desconhece, que se funda no desejo, apontando interesse na dimensão dos sonhos, chistes, atos falhos, silêncios e das associações que possuem uma lógica singular para o sujeito falante. Nesse sentido, a psicanálise

propõe uma torção nas noções de ciência e objetividade, pois evidencia que o sujeito se faz presente a partir de seu desejo, o qual é revelado pela falta, cujas produções são metáforas do desejo que aparecem metonimicamente sob o traço da falta (Celes; Bucher, 1984).

A psicanálise, portanto, configura-se como um campo do conhecimento, cuja produção é invocada pelas ciências da natureza por Freud, porém indicada como uma ética conforme as elaborações de Lacan. Cabe considerar que a psicanálise inova o discurso da ciência, apontando para a dimensão do sujeito, cujo objeto de estudo se estrutura para suas manifestações psíquicas e sintomáticas. A psicanálise fundamenta-se como um método de tratamento, investigação e corpo teórico em constante construção, cuja especificidade se estabelece pela observação e entendimento do inconsciente e seus fenômenos.

Defesa ou acusação da psicanálise na perspectiva do autor estudado

Calazans (2006), citado por Coelho (2010), chama a atenção para o pensamento de que se a psicanálise não é uma ciência, tampouco existiria sem ela. A psicanálise é irreduzível à objetivação típica da ciência, o que não a coloca em oposição a esta, mas sim como um resto seu. O sujeito sobre o qual a psicanálise trabalha, como diz Lacan, é aquele da ciência, aquele que ela produz como resto e que retornará no campo psicanalítico. Isso evidencia que, mesmo não havendo relações de pertença, há compatibilidade lógica entre ciência e psicanálise.

A partir de Feyerabend temos novo horizonte na discussão sobre a cientificidade da psicanálise, uma vez que sua obra esvazia a idealização da ciência como construção e afirmação de veracidade das hipóteses, considerando-a como atividade humana, impura e isenta de qualquer regra racional de funcionamento.

Coelho (2010) considera que os campos da filosofia, ciência, psicanálise, religião e demais campos do conhecimento apresentam argumentos para considerar a si mesmo como superior aos demais, o que indica aspecto narcísico e a impossibilidade de encontrar um ponto neutro, imparcial e justo nessa disputa. A crítica da psicanálise em relação a essa forma de avaliação ultrapassa a discussão política, isso porque a atividade clínica originou-se, principalmente, pela suspensão da ênfase na atividade consciente, o que cou o inconsciente como discurso do analisante e direção da escuta analítica. De modo que, a teoria psicanalítica não pode ser separada da prática clínica, sendo ambas pautadas em um conjunto técnico.

Feyerabend ao definir o Anarquismo Epistemológico destaca que não deve haver uma regra única que oriente o fazer científico; assim, o que deveria ocorrer é uma adaptação das regras no alcance dos resultados de maneira que haja uma adaptação a cada contexto e objeto de pesquisa. Tal com-

preensão está de acordo com a metodologia da psicanálise, na medida em que mesmo havendo os aportes teóricos da teoria psicanalítica há a abertura da novidade do que cada caso pode ensinar à psicanálise. No desdobramento deste conceito, a contraindução pressupõe a impossibilidade de que haja uma teoria que alcance uma completa compreensão da realidade, possibilitando o avanço científico a partir da exploração de novas ideias e métodos, a psicanálise mais uma vez não está em desacordo com o que propõe Feyerabend.

A aproximação do conceito de ciência para o autor Feyerabend, já exposta neste trabalho, coaduna-se com a concepção psicanalítica no que tange a ser esta última uma ciência do particular e não do universal. Como exemplo, Couto (1999, p. 8) remonta o texto de Freud (1917, p. 86) *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, que dentre suas exposições inovadoras relança “três severos golpes por parte das pesquisas científicas”: a) revolução copernicana, que desloca o olhar do homem para a questão da terra não ser mais vista como centro do universo; b) teoria da evolução de Darwin e as semelhanças da ascendência humana com a dos animais; c) psicológico, em que o “ego não é o senhor da sua própria casa” (p. 89). Neste sentido, para ambos os autores a “ciência” não detém um saber absoluto e, portanto, não carrega uma verdade imutável. Feyerabend introduz a ideia do pluralismo teórico a fim de romper com a pretensa exclusividade da ciência como manutenção de minado ponto de vista, afirma o teórico: “A minha crítica à ciência moderna é que ela inibe a liberdade de pensamento. Se o motivo é que ela tenha encontrado a verdade e agora a segue, então eu diria que há coisas melhores que essa primeira descoberta” (Feyerabend, 2009, p. 4).

Não obstante, outro ponto de convergência se refere ao método de investigação científica e sua pluralidade. Couto (2010, p. 7) adverte que qualquer cientista que descarte a psicanálise como ciência dada determinada regra experimental ou racional “seria imediatamente colocado por Freud não do lado da ciência, mas sim da religião”. Logo, apesar de alguns teóricos estabelecerem critérios específicos como traço daquilo que se destaca como científico (Teses de Koyré – a partir da matematização; Bachelard – apontando o conhecimento estabelecido como obstáculo a ser superado; Popper – regramento para transformações internas), Feyerabend (1988, p. 32) “sustenta que toda regra tem as suas limitações e que não há qualquer ‘racionalidade global’, mas não devemos proceder sem regras nem critérios”. A partir disso, Coelho (1999, p. 188) aponta a relativização da concepção de ciência para ambos os autores, na qual Feyerabend concebe o “Tudo vale” (“validação de qualquer que seja”) e Freud a partir da “associação livre” (“é preciso indicar e tentar remover as proibições sobre qualquer tipo de pensamento, seja ele científico, social ou sexual”).

Desta forma, podemos concluir com Iannini (2007), citado por Coelho (2010), que há um esvaziamento da dimensão normativa da epistemologia contemporânea e a caracterização das relações da psicanálise com a ciência como relações de extimidade. As tentativas de responder às críticas de que

a psicanálise não é uma ciência, pela via epistemológica de demonstrar que ela o é, ecoariam, na verdade, o “caráter meramente endossador de que goza a palavra ‘ciência’ em nossa cultura”, e, portanto, “não faz sentido defender a cientificidade da psicanálise, nem denegri-la por sua suposta ‘acientificidade’”.

Referências

AGUIAR, F. (2006). Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70). São Paulo. Recuperado em 16 mar. 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007

ASSOUN, P-L. (1978). *Freud: a filosofia e os filósofos*. Hilton Japiassu (trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BIRMAN, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2003). *Freud e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CELES, L. A. M; BUCHER, R. (1984). O sujeito: limite epistemológico da psicanálise. *Epistemologia, pesquisa e diagnóstico em psicologia*, v. 36, n. 4, p. 76-89. Arquivo Brasileiro de Psicologia. Rio de Janeiro. Recuperado em 16 ago. 2020, de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/viewFile/19024/17762>

COELHO, D. M. (2010). Contribuição ao debate entre psicanálise e ciência: Feyerabend. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 13, n. 2), p. 175-190. Recuperado em 13 ago. 2020, de <https://doi.org/10.1590/S1516-14982010000200003>

Couto, L. F. (1999). Feyerabend e a máxima do “Tudo Vale”: a necessidade de se adotar múltiplas possibilidades de metodologia na construção de teorias científicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 12(3). Recuperado em 10 de agosto de 2020, de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

ELIA, L. (2000). Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERT, S.; ELIA, L. (2000). *Clínica e pesquisa em psicanálise* (p. 19-35). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

FEYERABEND, P. (2009). *Como defender a sociedade da ciência*. Paulo Luiz Durigan (Trad.). Curitiba. Recuperado em 10 de agosto de 2020, de <http://stoa.usp.br/daros/files/2856/16814/feyerabend.pdf>

_____. (1975/2011). *Contra o método*. São Paulo. Editora Unesp.

FREUD, S. (1915/2013). *Pulsões e destinos da pulsão* (p. 133-173). Rio de Janeiro: Autêntica.

_____. (1940/[1938]/2006). Algumas lições elementares de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira de Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XXIII, p. 179-184). Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1965/1998). A ciência e a verdade. In: *Escritos* (pp. 855-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEAL, H. M. (2016). Paul Feyerabend e contra o método: Quarenta anos do início de uma provocação. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 14, 237 (14).

_____. (2007). *Racionalidade científica contextual: uma proposta*. Filosofia Unisinos, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 191-201. Recuperado em 21 de agosto de 2020, de <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5820/2995>

MARQUES, N. L. R. (2013). *Epistemologia do século XX*. Pelotas. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, 2013. Recuperado em 10 de agosto de 2020, de <https://www.nelsonreyes.com.br/Epistemologia%20do%20S%C3%A9culo%20XX%20Nelson.pdf>

MEZAN, R. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39 (70), São Paulo, jun. 2006. Recuperado em 27 de mar. de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352006000100015&script=sci_arttext.

PINTO, I. L. G. (2007). *O progresso da ciência e o anarquismo epistemológico de Karl Paul Feyerabend*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC Rio, Rio de Janeiro. Recuperado em 10 de agosto de 2020, de <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=9607@1>

Fonte:

Bossa, D. F.; Rodrigues, G. H. ; Dias, H. L. C. O C. ; Pizarro, L. X. ; Santos, T. C. P. . Reflexões sobre psicanálise a partir da epistemologia de Paul Karl Feyerabend. In: Teixeira, P. A. de; Ferreira, P. D.; Belo, F. R.R.. (Org.). Estudos psicanalíticos: métodos, epistemologia e cultura. 1ed.São Paulo: Zagadoni, 2021, v. 1, p. 32-41.